

## Explorando a diversidade e os usos medicinais das leguminosas em comunidades costeiras do Piauí, Brasil: uma revisão

Bruna Brito Santos<sup>1\*</sup>, Suzane de Sousa Santos<sup>2</sup>, Rosemary da Silva Sousa<sup>3</sup>, Letícia Sousa dos Santos<sup>4</sup>, Ivanilza Moreira de Andrade<sup>5</sup>, Cicero Magerbio Gomes Torres<sup>6</sup>, Jesus Rodrigues Lemos<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda em Ensino de Ciências pela Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

<sup>2</sup>Discente da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Parnaíba, Piauí, Brasil. <sup>3</sup>Doutora em Biodiversidade pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil. <sup>4</sup>Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Teresina, Piauí, Brasil. <sup>5</sup>Docente da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Piauí, Brasil. <sup>6</sup>Pós-Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil. \*[brunasphb@hotmail.com](mailto:brunasphb@hotmail.com)

Recebido em: 02/10/2024

Aceito em: 18/01/2025

Publicado em: 10/05/2025

<https://doi.org/10.29327/269504.7.1-21>

### RESUMO

Diversos povos utilizam plantas como recursos medicinais para o tratamento de enfermidades em todo o mundo, contribuindo para o conhecimento tradicional e desenvolvimento de fitoterápicos. Nesse sentido, torna-se relevante obter informações sobre o uso de plantas medicinais por comunidades costeiras, principalmente devido às constantes ameaças antrópicas a esses ecossistemas, que comprometem a manutenção e conservação de espécies nativas. Nesse contexto, buscou-se identificar as leguminosas mais utilizadas como medicamento em comunidades costeiras do Piauí, com base no Valor de Uso e no Fator de Consenso do Informante. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa com revisão da literatura. Foram consultados artigos científicos sobre plantas medicinais ocorrentes nos municípios litorâneos do Piauí, publicados nas bases SciELO e Google Acadêmico. Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionadas dez publicações, que mencionaram 30 espécies de leguminosas, distribuídas em 17 gêneros. Os resultados evidenciaram o valor e uso frequente dessas plantas para tratar enfermidades. O consenso obtido reflete o vasto conhecimento tradicional transmitido e a confiança nas práticas médicas locais, o que reforça a importância desse grupo vegetal, tanto no contexto da saúde quanto na cultura local.

**Palavras-chave:** Conhecimento tradicional. Litoral piauiense. Valor de uso.

## Exploring the diversity and use of legumes with medicinal potential in coastal communities in Piauí: a review

### ABSTRACT

Several people use plants as medicinal resources to treat illnesses around the world, contributing to traditional knowledge and the development of herbal medicines. In this sense, it is relevant to obtain information on the use of medicinal plants by coastal communities, mainly due to the constant anthropogenic threats to these ecosystems, which compromise the maintenance and conservation of native species. In this context, we sought to identify the legumes most used as medicine in coastal communities

in Piauí, based on the Value of Use and the Informant Consensus Factor. For this, qualitative research was carried out with a literature review. Scientific articles on medicinal plants occurring in the coastal municipalities of Piauí, published in the SciELO and Google Scholar databases, were consulted. After applying the inclusion and exclusion criteria, ten publications were selected, which mentioned 30 species of legumes, distributed in 17 genera. The results highlighted the value and frequent use of these plants to treat illnesses. The consensus reached reflects the vast traditional knowledge transmitted and the trust in local medical practices, which reinforces the importance of this plant group, both in the context of health and in local culture.

**Keywords:** Traditional knowledge. Piauí coast. Use value.

## INTRODUÇÃO

A interrelação entre pessoas, culturas e plantas tem sido comumente relatada na literatura (ALBUQUERQUE, 2022). No caso das plantas medicinais, apesar do avanço da farmacologia, vários povos utilizam diversas espécies em suas necessidades cotidianas. Esse conhecimento tradicional é, comumente, repassado de geração em geração, principalmente por residentes em comunidades economicamente menos favorecidas, que utilizam as plantas para o tratamento de suas enfermidades (DANTAS; TORRES, 2019; SILVA et al., 2021). Para mensurar o conhecimento e usos de recursos medicinais, métodos etnobotânicos, como Valor de Uso (VU) e Fator de Consenso do Informante (FCI), são amplamente utilizados (ALBUQUERQUE et al., 2004).

O Valor de Uso é comumente utilizado em estudos etnobotânicos para quantificar a importância de uma planta para uma comunidade específica (PHILLIPS; GENTRY, 1993a; PHILLIPS; GENTRY, 1993b). Uma das vantagens dessa técnica está relacionada com a possibilidade de priorização das espécies citadas conforme sua relevância cultural e medicinal (PHILLIPS et al., 1994), o que pode guiar ações de conservação e uso sustentável dos recursos naturais. É válido destacar, entretanto, que o VU não leva em consideração a eficácia terapêutica das plantas mencionadas, apenas seu valor cultural, sendo essa uma das críticas ao método.

De modo similar, o Fator de Consenso do Informante é uma técnica amplamente utilizada na etnobotânica para avaliar o grau de concordância entre os informantes quanto ao uso de plantas para tratar determinadas enfermidades (TROTTER; LOGAN, 1986). O FCI é calculado com base na proporção de informantes que mencionam o uso de uma planta para uma doença específica, refletindo o consenso sobre sua eficácia terapêutica. Quanto maior o FCI, maior é o consenso entre os usuários, indicando uma

maior confiabilidade da planta em termos de uso medicinal (TROTTER; LOGAN, 1986).

Estudos que avaliam tanto o VU quanto o FCI são realizados com frequência no mundo, em países como África (KIMPOUNI et al., 2019; LEE et al., 2019; AGBODAN et al., 2023) e Índia (REDDY et al., 2009; TAMANG et al., 2017; KALITA et al., 2024). No Brasil, há exemplos de pesquisas na Amazônia (SANTOS-SILVA et al., 2016; SANTOS et al., 2019a) e na Caatinga (SANTOS et al., 2012; GOMES, 2019). Na região Nordeste, o estado do Piauí tem explorado a relação entre biodiversidade e uso medicinal, evidenciando a importância dessas plantas para a saúde e a cultura local (por exemplo, FRANCO; BARROS, 2006; BAPTISTEL et al., 2014; BRASILEIRO et al., 2022).

Considerando que cada etnia desenvolve sua própria ciência e expressa seus conhecimentos sobre diferentes formas por meio do uso de plantas medicinais, torna-se relevante investigar como as comunidades costeiras do Piauí têm utilizado a flora local no tratamento de doenças. Essa abordagem é fundamental para subsidiar estratégias de conservação e valorização do conhecimento tradicional dos povos que residem em áreas de restinga e manguezal, fortemente ameaçadas por ações antrópicas. Além disso, é imprescindível conhecer a diversidade de espécies utilizadas, particularmente as leguminosas, que representam um *continuum* entre alimento e medicina (MEDEIROS et al., 2021).

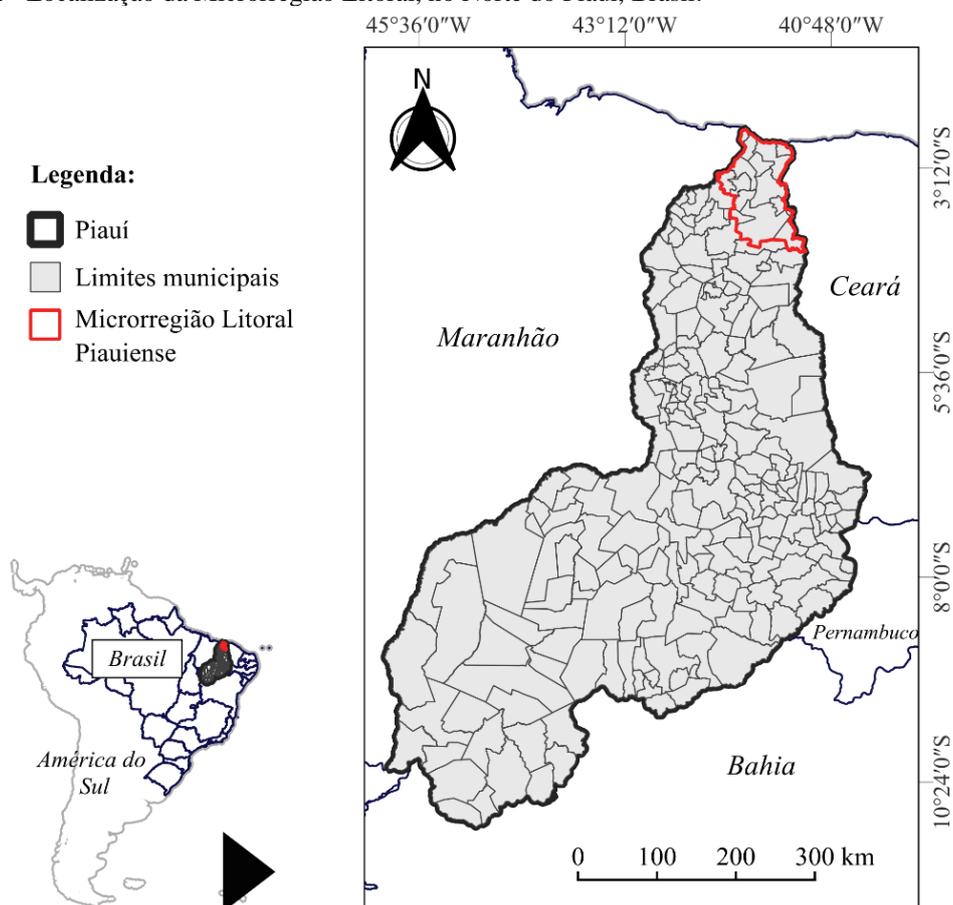
Diante desse contexto, tem-se a questão norteadora: quais são as leguminosas mais conhecidas e utilizadas como recursos medicinais em comunidades costeiras do Piauí, conforme Valor de Uso e o Fator de Consenso do Informante? Partindo desse questionamento, estabelece-se o objetivo geral de identificar as leguminosas mais utilizadas como medicamento em comunidades costeiras do Piauí, com base no Valor de Uso e no Fator de Consenso do Informante. Discussões dessa natureza são substanciais, pois subsidiam o conhecimento dos povos tradicionais que residem nessas áreas como, por exemplo, pescadores artesanais e extrativistas, que muito têm contribuído para a transmissão de saberes de geração em geração.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Área de estudo

O estado do Piauí está situado na região Nordeste do Brasil, divisa com os estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia. O Piauí possui 224 municípios, que estão agregados em quatro macrorregiões e quinze microrregiões (IBGE, 2022). Para essa pesquisa, levou-se em consideração os estudos desenvolvidos nos municípios localizados na Microrregião Litoral Piauiense, a saber: Bom Princípio do Piauí, Buriti do Lopes, Cajueiro da Praia, Caraúbas do Piauí, Caxingó, Cocal, Cocal dos Alves, Ilha Grande, Luís Correia, Murici dos Portelas, Parnaíba, Piracuruca, São João da Fronteira e São José do Divino (Figura 1) (IBGE, 2022). Bom Princípio do Piauí

**Figura 1** - Localização da Microrregião Litoral, no Norte do Piauí, Brasil.



Sistema de Coordenadas: Lat/Long  
Sistema de Referências: SIRGAS (2000)  
Base de dados: IBGE (2022); SEPLAN (2024)

A escolha dessa Microrregião se justifica pela necessidade de conhecer as plantas medicinais utilizadas por comunidades em áreas costeiras do Piauí. Essas regiões apresentam uma diversidade de espécies adaptadas a ecossistemas específicos como manguezais, restingas e matas de encostas, que estão fortemente ameaçadas por pressões antrópicas (por exemplo, desenvolvimento urbano, turismo predatório e extrativismo vegetal) (SOARES et al., 2013; BARBOSA et al., 2021).

### ***Coleta e análise de dados***

Os dados foram coletados a partir de buscas nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Google Acadêmico*, utilizando a combinação dos descritores: Piauí AND Etnobotânica AND plantas medicinais AND VU; Piauí AND Etnobotânica AND plantas medicinais AND FCI, em português e inglês. Selecionou-se somente artigos científicos que foram desenvolvidos em municípios localizados na Microrregião Litoral Piauiense e que abordavam o conhecimento, usos de plantas medicinais, e citaram as técnicas VU e FCI. Desse modo, estudos que não versassem sobre o tema proposto e não contemplem as regiões selecionadas, foram excluídos do banco de dados, assim como aqueles duplicados ou que remetiam a revisões da literatura.

Inicialmente, as publicações foram filtradas com base no título e no resumo. Em seguida, realizou-se uma leitura da metodologia, resultados e conclusões. Somente os manuscritos selecionados foram analisados por completo, coletando informações sobre ano de publicação, comunidades estudadas, espécies citadas e seus respectivos VU e FCI. As leguminosas medicinais citadas nos estudos foram organizadas em uma lista florística, com o auxílio do software *Microsoft Excel* (2016). A autoria e a grafia dos nomes foram atualizados conforme *Flora e Funga do Brasil* (2024).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram reportadas dez publicações sobre a temática, abrangendo seis dos 14 municípios do Litoral Piauiense: Cocal, Luís Correia e Cajueiro da Praia, Bom Princípio, Caxingó e Parnaíba Piauí (Tabela 1). Parnaíba (n = 3) e Luís Correia (n = 2) concentraram o maior número de publicações, possivelmente devido à proximidade com Instituições de Ensino Superior, Grupos de Pesquisa na região sobre o tema e outros.

As pesquisas foram realizadas entre os anos de 2012 e 2021, envolvendo diferentes públicos, como moradores rurais, urbanos e comerciantes de plantas medicinais. Os entrevistados demonstraram um vasto potencial para a difusão de conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais. Assim, destaca-se a necessidade de mais estudos em municípios litorâneos onde não foram registradas publicações.

**Tabela 1** - Publicações realizadas na Microrregião Litoral Piauiense, conforme dados da pesquisa.

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Localidade</b>	<b>Público</b>	<b>Nº de espécies citadas</b>
CHAVES; BARROS	2012	Cocal	Moradores rurais	14
ARAÚJO; LEMOS	2015	Luís Correia	Moradores rurais	08
SILVA; NASCIMENTO; GRAZINA; MAYO; ANDRADE	2015	Luís Correia	Moradores rurais	08
SANTOS; ARAÚJO; SOUSA; LEMOS	2016	Cajueiro da Praia	Moradores urbanos	03
CASTRO; WOLSCHICK; ANDRADE; MAGALHÃES; MAYO	2016	Bom Princípio do Piauí	Moradores rurais	14
CARVALHO; SILVA; VIEIRA; CASTRO; GUIMARÃES; ROPKE; ANDRADE	2017	Caxingó	Moradores rurais	17
VIEIRA-FILHO; SIQUEIRA; SOUSA; LEMOS	2018	Ilha Grande - Parnaíba	Moradores rurais	03
FARIAS; SANTOS; BOMFIM; FONSECA- FILHO; FRANÇA; SILVA; BARROS	2019	Parnaíba	Moradores rurais	09
SANTOS; VIEIRA; SILVA; ANDRADE	2019	Parnaíba	Raizeiros (comerciantes)	09
SANTOS; BASTOS; FARIAS; VIEIRA; BARROS	2021	Parnaíba	Raizeiros (comerciantes)	10

Encontrou-se uma variação considerável no número de espécies de leguminosas citadas nas publicações, com um intervalo entre três e dezessete (Tabela 1). Embora a família Fabaceae não seja a mais abundante em estudos sobre a flora da restinga, por

exemplo, (MIRANDA; HANAZAKI, 2008; GANDOLFO; HANAZAKI, 2011), a diversidade de espécies encontradas neste estudo ressalta o profundo conhecimento dos moradores locais sobre o potencial medicinal dessas plantas. Esse achado sugere que as leguminosas desempenham um papel importante na farmacopeia tradicional da região, tendência similar aquela encontrada para a vegetação litorânea no estado do Ceará (SINDEAUX et al., 2022).

De acordo com Santos *et al.* (2016), em Cajueiro da Praia, a troca de mudas vegetais entre vizinhos e amigos é a forma mais frequente de propagação das plantas medicinais, pois espécies nativas não encontradas em quintais de um entrevistado são encontradas no de outros. Essa prática de compartilhar espécies não é uma realidade exclusiva do município em questão, visto que foi retratada com frequência em outros estudos no Piauí (SILVA et al., 2014; TEIXEIRA et al., 2023) e, até mesmo, no Brasil (GOMES-NETO et al., 2014; GOIS et al., 2016).

Na verdade, o uso de plantas medicinais é dinâmico e pode ser influenciado por fatores como a transmissão de conhecimentos entre os indivíduos (MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2015). O compartilhamento de espécies vegetais com potencial medicinal, em muitos casos, ocorre pela facilidade de acesso, uma vez que são cultivadas em quintais tanto em áreas urbanas como rurais ou até mesmo comercializadas, contribuindo com a renda familiar (SANTOS et al., 2019). No entanto, é importante investigar melhor sobre o quanto esse conhecimento empírico tem sido difundido entre crianças e jovens locais, assim como se esse público tem ideia da real importância dessas espécies para as pessoas e meio ambiente como um todo.

Entre os principais motivos para o cultivo de plantas medicinais, especialmente em comunidades rurais, estão a escassez de serviços de saúde, a dificuldade de acesso a farmácias e o alto custo dos medicamentos, em comparação com as opções tradicionais. Silva *et al.* (2015), por exemplo, ressaltaram que a falta de serviços de saúde na comunidade de Sobradinho, por exemplo, leva os moradores a recorrerem às práticas medicinais alternativas com maior frequência.

Com relação às espécies citadas nas publicações, foram 30 spp. e 17 gêneros (Quadro 1). As que obtiveram o maior número de citações foram *Hymenaea courbaril* L. (seis citações), *Libidibia ferrea* (Mart. ex Tul.) L. P. Queiroz e *Tamarindus indica* L. (ambas com cinco citações), seguido de *Vachellia farnesiana* (L.) Wight e Arn., com

quatro citações. Essas espécies possuem diversas propriedades medicinais, como antibacterianas, antiinflamatórias, antimicrobiana, antifúngicas, antioxidantes, cicatrizantes e laxativa (VUYYALA et al., 2020; OLIVEIRA et al., 2022). Das 30 espécies medicinais analisadas, apenas *L. ferrea*, conhecida popularmente como jucá, foi identificada na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde (RENISUS), tendo reconhecimento oficial por esta instituição (BRASIL, 2009).

**Quadro 1** - Leguminosas utilizadas como recurso medicinal por comunidades costeiras do Piauí.

Nome Científico	Nome popular	Doença tratada	VU	FCI	Referência
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	Iburana-de-cheiro	Resfriado, gripe, inflamação da pele, dor de cabeça, infecção por vírus	<b>0,16</b>	*	Silva et al., (2015)
		Dermatite fungica, picada de cobra, conjuntivite, gripe, sinusite, corrimento vaginal	<b>0,42</b>	<b>0,3</b>	Castro et al., (2016)
		Gripe, banhos e febre	<b>5,9</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico-preto	Inflamação da próstata, dor de estômago	<b>0,10</b>	*	Silva et al., (2015)
<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.	Angico-branco	Malaria, anemia, analgésico	<b>0,16</b>	<b>0,3</b>	Castro et al., (2016)
		Gripe	<b>1,5</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó	Verme	<b>0,1</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
		Diabetes	*	<b>0,44</b>	Chaves e Barros (2012)
		Inflamação Gripe Hemorroidas	<b>1,20</b>	<b>0,72</b> <b>0,70</b> <b>0,63</b>	Araújo e Lemos (2015)
<i>Bauhinia unguolata</i> L.	Mororó Vermelho	Diabetes	*	<b>0,44</b>	Chaves e Barros (2012)
	Pata-de-vaca	Diabete	<b>0,08</b>	<b>0,50</b>	Santos et al., (2016)
<i>Bowdichia nitida</i> Spruce ex Benth.	Sucupira	Dor de garganta	<b>0,05</b>	<b>0,6</b>	Castro et al., (2016)
		Gripe	<b>0,1</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
		Gripe, dor na			

<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira	garganta, rouquidão, dor na cabeça e inflamação	*	<b>0,04</b>	Chaves e Barros (2012)
<i>Cenostigma bracteosum</i> (Tul.) Gagnon & G.P.Lewis	Catingueira	Má digestão	*	<b>0,04</b>	Chaves e Barros (2012)
		Resfriado	<b>0,13</b>	*	Silva et al., (2015)
		Gripe, tosse	<b>0,25</b>	<b>0,40</b>	Santos et al., (2016)
<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) Gagnon & G.P.Lewis	Catingueira	Reumatismo, gripe, tosse e tuberculose, estômago, derrame	<b>1,11</b>	<b>0,72</b> <b>0,70</b> <b>0,66</b> <b>0,63</b>	Araujo e Lemos (2015)
		Diarréia	<b>0,03</b>	<b>0,5</b>	Castro et al., (2016)
		Gripe	<b>0,3</b>	<b>0,9</b>	Carvalho <i>et al.</i> , (2017)
<i>Copaifera coriacea</i> Mart	*	Dor	<b>0,2</b>	<b>0,9</b>	Carvalho <i>et al.</i> , (2017)
<i>Copaifera langsdorfii</i> Desf.	*	Gastrite	<b>0,13</b>	*	Silva et al., (2015)
		Reumatismo	<b>1,50</b>	<b>0,72</b>	Araujo e Lemos (2015)
<i>Copaifera martii</i> Hayne	Podoi	Contra gripe, bronquite, pneumonia, constipação, inflamação, câncer	*	<b>0,66</b>	Chaves e Barros (2012)
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Bronquite	*	<b>0,66</b>	Chaves e Barros (2012)
		Tosse, resfriado, gripe, diarreia	<b>0,10</b>	*	Silva et al., (2015)
		Cicatrização	<b>1,38</b>	<b>0,72</b>	Araujo e Lemos (2015)
		Gripe, sinusite, bronquite, inflamação	*	<b>0,66</b>	Chaves e Barros (2012)
		Câncer de próstata, gastrite, antiinflamatório, dor nas costas	<b>0,21</b>	<b>0,5</b>	Castro et al., (2016)
		Gripe	<b>3,4</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	*	Tosse, bronquite e inflamação de garganta	*	<b>0,66</b>	Chaves e Barros (2012)
		Sinusite, dor na garganta, depurativo do sangue,			

<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Jucá	resguardo quebrado, doença de mulher, inchaço e ferimento na pele	*	<b>0,44</b>	Chaves e Barros (2012)
		Inflamação	<b>0,10</b>	*	Silva et al., (2015)
		Pancadas, cicatrização e inflamação	<b>1,10</b>	<b>0,80/0,72</b>	Araujo e Lemos (2015)
		Antiinflamatório, hematomas, rins, dores nas costas, cicatrizantes	<b>0,24</b>	<b>0,5</b>	Castro et al., (2016)
		Antiinflamatório	<b>2,2</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Mimosa acutistipula</i> (Mart.) Benth.	Jurema Preta	Diarréia	<b>0,03</b>	<b>0,5</b>	Castro et al., (2016)
	Catanduva-branca	Diarréia, dor na barriga, dor de cabeça e insônia	*	<b>0,04</b>	Chaves e Barros (2012)
<i>Mimosa caesalpinifolia</i> Benth.	Sabiá	Gripe, catarro no peito, rouquidão e dor na garganta	*	<b>0,04</b>	Chaves e Barros (2012)
		Diarréia/cura	<b>0,05</b>	<b>0,5</b>	Castro et al., (2016)
		Cicatrizante para umbigo de recém-nascido	<b>0,2</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Mimosa hostilis</i> Benth.	Jurema	hepatite, gastrite e úlcera	*	<b>0,65</b>	Chaves e Barros (2012)
<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth.	Rama-de-bezerro	tratamento de furúnculo	*	<b>0,05</b>	Chaves e Barros (2012)
<i>Pterocarpus vilosus</i> (Mart. ex. Benth) Benth.	Pau-sangue	Fraqueza	*	<b>0,04</b>	Chaves e Barros (2012)
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Mata-pastão	Gripe, vermes	<b>0,05</b>	<b>0,6</b>	Castro et al., (2016)
		Vermes	<b>0,1</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S.Irwin & Barneby	Mata-pasto	Gripe	<b>0,1</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Mangirioba	Gripe, resfriado, dor na garganta, dor na cabeça	*	<b>0,66</b>	Chaves e Barros (2012)
		Pano-branco	<b>0,1</b>	<b>0,8</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Senna spectabilis</i> (DC.) H.S.Irwin & Barneby	Flor-de-besouro	Gripes e sinusites	*	<b>0,66</b>	Chaves e Barros (2012)
<i>Senna trachypus</i> (Benth.) H.S.Irwin & Barneby	Flor-de-besouro	Bronquite, rouquidão, reumatismo,	*	<b>0,66</b>	Chaves e Barros (2012)

		inflamação			
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Dor óssea	<b>0,05</b>	<b>0,6</b>	Castro et al., (2016)
		Antiinflamatório	*	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Swartzia flaemingi</i> Raddi	Jacarandá	Hepatite, cirrose	*	<b>0,04</b>	Chaves e Barros (2012)
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarina, tamarindo	Dor de estômago	<b>0,06</b>	*	Silva et al., (2015)
		Laxante, hemorroidas	<b>2,00</b>	<b>0,66</b> <b>0,63</b>	Araujo e Lemos (2015)
		Hemorroidas	<b>0,08</b>	<b>0,33</b>	Santos et al., (2016)
		Hemorroidas, varizes	<b>0,05</b>	<b>0,3</b>	Castro et al., (2016)
		Impinge	<b>0,1</b>	<b>0,8</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Vachellia farnesiana</i> (L.) Wight e Arn.	Coronha	Febre, gripe, dor na garganta, diarreia, dor na barriga e dor na cabeça	*	<b>0,04</b>	Chaves e Barros (2012)
		Dores no corpo	<b>0,03</b>	*	Silva et al., (2015)
		Anemia, dores, cólica	<b>0,24</b>	<b>0,3</b>	Castro et al., (2016)
		Coração, diarreia, gripe, reumatismo	<b>0,9</b>	<b>0,9</b>	Carvalho et al., (2017)
<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão	Infecção	<b>0,03</b>	<b>0,3</b>	Castro et al., (2016)

\* Valores não disponíveis.

Das 30 spp., as que apresentaram maiores Valores de Uso (VU) foram *Amburana cearensis* (Allemão) A.C.Sm. (VU = 5,9), *L. ferrea* (VU = 2,2) e *Tamarindus indica* L. (VU = 2,0). Conforme o Consenso dos Informantes, as plantas foram utilizadas no tratamento de diversas enfermidades, com destaque para doenças relacionadas ao sistema respiratório (gripe e febre), além de condições inflamatórias e gastrointestinais, como hemorroidas e constipação intestinal. Houve maior consenso quando uma espécie foi indicada por vários informantes para sinais e sintomas de uma categoria da doença. Chaves e Barros (2012) consideram que o uso das plantas do Carrasco para fins terapêuticos passa por verdadeiros rituais culturais em que são considerados cuidados, como a época do ano (estação) em que deve ser colhida e qual parte deve ser utilizada.

Considerando Valores de Uso e Fator de Consenso do Informante, é válido salientar as mudanças bruscas da globalização regada às tecnologias que atingem os ambientes mais remotos. Este fato pode ser positivo, pois o conhecimento é mais acessível, entretanto há males que atingem esses povos que ficam vulneráveis às diferentes ferramentas tecnológicas, o que os levam a enfraquecer sua cultura e, conseqüentemente, a perda de conhecimentos tradicionais. Assim, há a necessidade de continuidade dos estudos na área, dada a importância de investigar as diferentes formas de percepção sobre as plantas medicinais, a fim de sensibilizar o senso de conservação ambiental e uso sustentável.

## CONCLUSÃO

O levantamento sobre leguminosas medicinais em comunidades costeiras do Piauí evidenciou o uso frequente dessas plantas para o tratamento de enfermidades, devido às suas propriedades terapêuticas. O Valor de Uso destacou as espécies mais versáteis e populares, enquanto o Fator de Consenso do Informante apontou o nível de concordância entre os moradores sobre suas aplicações. Esse consenso reflete o vasto conhecimento tradicional transmitido e a confiança nas práticas médicas locais, o que reforça a importância desse grupo vegetal, tanto no contexto da saúde quanto na cultura local.

Embora a literatura destaque o uso de Fabaceae, ainda existem lacunas no que diz respeito à quantificação da eficácia medicinal e à conservação das espécies nas áreas costeiras. Recomenda-se que futuras pesquisas de campo aprofundem o impacto ecológico do uso dessas plantas e explorem estratégias para a conservação do conhecimento tradicional, associadas a práticas de manejo sustentável. Além disso, recomenda-se o desenvolvimento de políticas públicas que integrem esse saber local/tradicional ao sistema de saúde, promovendo o uso sustentável e a conservação da biodiversidade.

## REFERÊNCIAS

AGBODAN, K. M. L.; AKODEWOU, A.; AMEGNAGLO, K. B.; Anissou, B. A. W. A.; AKPAVI, S.; AKPAGANA, K. Ethnobotanical survey on threatened medicinal plants in Togo. **Moroccan Journal of Agricultural Sciences**, v. 4, n. 4, p. 164-176, 2023.

ALBUQUERQUE, U. P.; FERREIRA-JÚNIOR, W. S. F.; RAMOS, M. A.; MEDEIROS, P. M. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Livro Rápido/NUPEEA, Recife, 2004.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2022. 150p.

ARAÚJO, J. L.; LEMOS, J. R. Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Revista Biotemas**, v. 28, n. 2, p. 125-136, 2015.

BAPTISTEL, A. C.; COUTINHO, J. M. C. P.; LINS-NETO, E. M. F.; MONTEIRO, J. M. Plantas medicinais utilizadas na Comunidade Santo Antônio, Currais, Sul do Piauí: um enfoque etnobotânico. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, p. 406-425, 2014.

BARBOSA, D. L. S.; ALMEIDA, K. S.; SOUSA-JÚNIOR, E. L.; MORAIS, R. C. S.; IWATA, B. F. Padrões espaciais e usos da terra em manguezais do Delta do Parnaíba. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 14, n. 7, p. 3881-3890, 2021.

BRASILEIRO, D. P.; FERREIRA, E. D. C.; SANTOS, S. D. S.; CARVALHO, T. K. N.; FELIX, C. D. M. P.; BARROS, R. F. M. D.; LUCENA, R. F. P. D. Conhecimento e uso da vegetação em uma comunidade rural no entorno do Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Nordeste, Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 9, n. 21, p. 75-95, 2022.

CHAVES, E. M. F.; BARROS, R. F. M. Diversidade e uso de recursos medicinais do carrasco na APA da Serra da Ibiapaba, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 3, p. 476-486, 2012.

DANTAS, J. I. M.; TORRES, A. M. Abordagem etnobotânica de plantas medicinais em uma comunidade rural do sertão alagoano. **Diversitas Journal**, v. 4, n. 1, p. 39-48, 2019.

FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.

GANDOLFO, E. S.; HANAZAKI, N. Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). **Acta Botanica Brasilica**, v. 25, p. 168-177, 2011.

GOIS, M. A. F.; LUCAS, F. C. A.; COSTA, J. C. M.; MOURA, P. H. B.; LOBATO, G. J. M. Etnobotânica de espécies vegetais medicinais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 18, n. 2, p. 547-557, 2016.

GOMES, C. C. Potencial utilitário da vegetação lenhosa em área de Caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. **Ciência Florestal**, v. 29, p. 307-321, 2019.

GOMES-NETO, F. R.; ALMEIDA, G. S. S. A.; JESUS, N. G.; FONSECA, M. R. Estudo Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, p. 856-865, 2014.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE: **Censo brasileiro**, 2022.

KALITA, M.; ALAM, S. M.; JELIL, S. N. An ethnobotanical study of traditionally used medicinal plants: Case study from Assam, India. **Ethnobotany Research and Applications**, v. 27, p. 1-25, 2024.

KIMPOUNI, V.; MAMBOUENI, J. C.; TSOUNGOULD, G. F. M.; MIKOKO, E. N. Environment and livelihood of the Kouni community of the Kayes sub-prefecture (Bouenza, Congo). **Ethnobotany Research and Applications**, v. 18, p. 1-15, 2019.

LEE, C.; KIM, S. Y.; EUM, S.; PAIK, J. H.; BACH, T. T.; DARSHETKAR, A. M.; CHOI, S. Ethnobotanical study on medicinal plants used by local Van Kieu ethnic people of Bac Huong Hoa nature reserve, Vietnam. **Journal of ethnopharmacology**, v. 231, p. 283-294, 2019.

MEDEIROS, P. M., ALBUQUERQUE, U. P. Use Patterns of Medicinal Plants by Local Populations. In: ALBUQUERQUE, U. P., MEDEIROS, P. M.; CASAS, A. (eds). **Evolutionary Ethnobiology**. Springer, Cham, 2015.

MEDEIROS, P. M.; FIGUEIREDO, K. F.; GONÇALVES, P. H. S.; CAETANO, R. D. A.; SANTOS, É. M. D. C.; SANTOS, G. M. C.; MAPELI, A. M. Wild plants and the food-medicine continuum an ethnobotanical survey in Chapada Diamantina (Northeastern Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 17, n. 1, p. 37, 2021.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. **Acta Botanica Brasílica**, v. 22, p. 203-215, 2008.

OLIVEIRA, G. L. S.; LABRE, M. B. Q.; LABRE, L. V. Q. Avaliação da atividade medicinal da *Libidibia férrea* – uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 2, p. 5242-5251, 2022.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. M. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypothesis with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v.47, n.1, p.15- 32, 1993a.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. M. The useful plants of Tambopata, Peru. II. Additional hypothesis testing in quantitative ethnobotany. **Economic Botany**, v.47, n.1, p.33-43, 1993b.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H.; REYNEL, C.; WILKIN, P.; GÁLVEZ-DURAND, B, C. Quantitative ethnobotany and amazonian conservation. **Conservation Biology**, v.8, p. 15-32, 1994.

REDDY, C. S.; REDDY, K. N.; MURTHY, E. N.; RAJU, V. S. Traditional medicinal plants in seshachalam hills, Andhra Pradesh, India. **Journal of Medicinal Plants Research**, v. 3, n. 5, p. 408-412, 2009.

SANTOS, S. L. D. X.; ALVES, R. R. N.; SANTOS, S. L. D. X.; BARBOSA, J. A. A.; BRASILEIRO, T. F. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade rural do semi-árido da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 93, n. 1, p. 68-79, 2012.

SANTOS, A. B. N.; ARAÚJO, M. P.; SOUSA, R. S.; LEMOS, J. R. Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, n. 2, p. 442-450, 2016.

SANTOS, M. V.; VIEIRA, I. R.; SILVA, M. F. S.; ANDRADE, I. M. Comercialização de plantas medicinais nos mercados públicos do município de Parnaíba, Piauí, Brasil. **Espacios**, v. 40, n. 22, p. 1-13, 2019.

SANTOS, E. Q.; COSTA, J. F. S.; PEREIRA, M. D. G. S.; COSTA, J. M.; SOUSA, R. L. Etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Rio Meruú, Igarapé-Miri, Pará. **Scientia Plena**, v. 15, n. 5, 2019a.

SANTOS-SILVA, J. P. G.; OLIVEIRA, P. C. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade de várzea Igarapé do Costa, Santarém-Pará, Brasil. **Ambiente y Sostenibilidad**, p. 136-151, 2016.

SINDEAUX, M. O.; SANTOS, J. C. D. P.; MENEZES, W. F. N.; NOGUEIRA, A. F. A.; M'BATNA, A. J.; ALMEIDA, S. L.; AMARAL, J. F. Etnobotânica de plantas medicinais da vegetação litorânea no Ceará: uma revisão bibliográfica. In: AMARAL, J. F. **Abordagens interdisciplinares sobre plantas**

**medicinalis e fitoterapia: saúde, sustentabilidade e biodiversidade.** Editora Científica Digital: São Paulo, 2022. p. 91-104.

SILVA, M. D. F. P. D.; SILVA, P. H. D.; OLIVEIRA, Y. R.; GOMES, T. M. F.; FERREIRA, P. M. P.; CERQUEIRA, G. S.; ABREU, M. C. D. Plantas medicinais: cultivo em quintais pela população de um município do semiárido piauiense, Nordeste do Brasil, **Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 7, n. 3, p. 101- 113, 2014.

SILVA, J. D. A.; NASCIMENTO, M. G. P.; GRAZINA, L. G.; CASTRO, K. N. C.; MAYO, S. J.; ANDRADE, I. M. Ethnobotanical survey of medicinal plants used by the community of Sobradinho, Luís Correia, Piauí, Brazil. **Journal of Medicinal Plants Research**, v. 9, n. 32, p. 872-883, 2015.

SOARES, D.; GALENO, L. S.; ROS, J. P. O turismo na comunidade dos tatus: conflitos socioambientais e percepção local. **Revista Turismo Estudos e Práticas**, v. 2, n. 2, p. 133-153, 2013.

TAMANG, M.; PAL, K.; RAI, S. K.; KALAM, A.; AHMAD, S. R. Ethnobotanical survey of threatened medicinal plants of West Sikkim. **International Journal of Botany Studies**, v. 2, n. 6, p. 116-125, 2017.

TEIXEIRA, R. S.; LOPES, R. S.; SILVA, L. Uso de plantas medicinais por moradores em uma comunidade rural no sul do Piauí. **Diversitas Journal**, v. 8, n. 1, p. 62-70, 2023.

TROTTER, R.; LOGAN, M. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. In: ETKIN, N.L. (Ed.). **Indigenous medicine and diet: behavioural approaches**. 1.ed. New York: Redgrave Bedford Hills, 1986, p. 91-112.

VIEIRA-FILHO, M. A. M. V.; SIQUEIRA, J. I. A.; SOUSA, R. S.; LEMOS, J. R. Diversidad biocultural asociada al uso actual de plantas medicinales en una comunidad rural en el litoral piauiense (Nordeste de Brasil). **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 3, 2018.

VUYYALA, B.; SENTHIL, K. D.; LAKSHMI, T. *Tamarindus indica* L (Fabaceae): Extent of explored use in traditional medicine. **Asian Journal of Pharmaceutical and Clinical Research**, v. 5, p. 0.67, 2020.